

O SUJEITO TACITURNO À LUZ DAS CONTRIBUIÇÕES DA PSICANÁLISE

Marilene Aparecida Lemos¹; Valdete de Lima Ank Morais²

¹Doutoranda em Linguística
Universidade Estadual de Campinas – Unicamp
(marilene.lemos@uffs.edu.br)

²Mestre em Linguística
Universidade Federal de São Carlos- UFSCar
(valdete. ank@gmail.com.br)

RESUMO:

O objetivo deste estudo é fazer uma reflexão sobre a noção de sujeito numa determinada situação de ensino-aprendizagem de língua estrangeira denominada por Camblong (2004) como “umbral”. A partir das considerações dessa autora, verificamos efeitos dessa cena “umbral” na prática docente de língua espanhola, no espaço de uma escola pública estadual de São Paulo. Dessa maneira, este trabalho retoma o “sujeito taciturno”, conceito a que chegamos a partir de Camblong (2004) e das considerações de Bakhtin (2003) acerca da taciturnidade; e apresenta um estudo a respeito da constituição do sujeito no âmbito da linguística, na perspectiva teórica da análise do discurso e da psicanálise lacaniana. Assim, a primeira parte do trabalho consiste na apresentação da cena que motivou os estudos sobre o “sujeito taciturno” e que funcionou como a mola propulsora da dissertação de mestrado de Lemos (2008); e a segunda parte mostra alguns recortes sobre a existência do inconsciente, estranhamento e silêncio a partir de Freud, Lacan e Bakhtin.

Palavras-chave: sujeito; língua estrangeira; análise do discurso; psicanálise lacaniana

THE TACITURN SUBJECT IN THE LIGHT OF THE CONTRIBUTIONS OF PSYCHOANALYSIS

ABSTRACT:

The objective of this study is to reflect on the notion of subject in a particular foreign language teaching-learning situation called for Camblong (2004) as "threshold". From considerations of this author, we observed effects of this scene "threshold" in the teaching practice of Spanish language in the space of a state school in São Paulo. Thus, this paper refers to the "taciturn subject", a concept that arrived from Camblong (2004) and considerations of Bakhtin (2003) about the taciturnity; and presents a study about the constitution of the subject within the language, the theoretical perspective of discourse analysis and Lacanian psychoanalysis. So the first part of the work consists of the presentation of the scene which led the studies on the "taciturn subject" and served as the driving force of Lemos master's thesis (2008); and the second part shows some clippings about the existence of the unconscious, strangeness and silence from Freud, Lacan and Bakhtin.

Keywords: subject; foreign language; discourse analysis; Lacanian psychoanalysis

1. Cena escolar

“Em fevereiro de 2003, por volta das dez horas da manhã, quando eu ministrava cursos de espanhol em um Centro de Estudos de Línguas (CEL), vinculado à escola pública estadual¹, um novo grupo de alunos, composto por 30 pré-adolescentes, com idade variando entre 11 e 13 anos, me aguardava em sala para começar sua primeira aula no primeiro nível do curso de espanhol. Assim que entrei fui tomada de surpresa pela “ordem” e pelo silêncio: todos os alunos estavam sentados, sérios e quietos. A princípio, o fato me provocou certa estranheza, pois se opunha ao que estava acostumada e me parecia normal, ou seja, que as situações de ociosidade em grupos grandes acabavam sempre gerando ruídos de carteiras arrastadas, conversas, risadas.

Ao invés disso, passei a ouvir meus próprios “ruídos”: o manuseio de papéis sobre a mesa, os passos dados na sala, o giz que eu riscava no quadro: *¡Bienvenidos a la clase de Español!* Enquanto realizava essas ações, percebia que era atentamente observada, mas ninguém executava o menor gesto, ninguém proferia uma única palavra.

Antes de iniciar a aula, propriamente, procurei acolhê-los, em português, de uma forma tranquila, e em seguida fui tentando criar um ambiente agradável de conversa. Falamos sobre mim, sobre a escola e as formalidades do curso, e encorajei os alunos a falar de si, mas ninguém se prontificou, marcando oposição a outras aulas como essa quando geralmente os alunos falam.

Travando uma batalha mental para não me perder naquele atípico ambiente, fui passando a falar em língua espanhola e comecei, então, por apresentar o tema do dia: *Saludos y Despedidas* juntamente com algumas atividades de recepção. Porém, tive como resposta o

¹ Com base nas informações que aparecem na página WEB da Cenp, esclarecemos que o “Centro de Estudos de Línguas (CEL) é um programa da Secretaria de Educação do Governo do Estado de São Paulo que oferece aos alunos da rede estadual a possibilidade de acesso a uma segunda língua estrangeira moderna, além do inglês, oferecido nos quadros regulares. O objetivo do CEL é propiciar aos alunos diferentes oportunidades de desenvolvimento de novas formas de expressão linguística, enriquecimento curricular e acesso a outras culturas contemporâneas, além de ampliar as possibilidades de inserção no mercado de trabalho” (cf. <http://cenp.edunet.sp.gov.br/index.htm> Acesso em 04.11.2007). O CEL, de onde partem nossos estudos, está implantado na Escola Estadual Prof^a Alice Chuery, em Guarulhos, desde 17 de abril de 2002, data de sua autorização. Este CEL oferece cursos de espanhol e francês, sendo priorizada a oferta de espanhol. Cabe dizer que Guarulhos é a segunda cidade mais populosa no Estado de São Paulo, com aproximadamente 1,1 milhão de habitantes e está localizada na região metropolitana da capital.

silêncio, inclusive nas expressões faciais tensas, nos olhares temerosos e apreensivos (BURKE, 1995, p.163) que já me intrigaram quando entrei na sala. Mesmo assim, procurei deixá-los à vontade enquanto improvisava outras atividades, mas os alunos continuavam calados.

Depois de quase duas horas de trabalho, me sentia insatisfeita e um tanto irritada com aquele silêncio ou ato de comunicação² que já havia dado um rumo adverso ao meu plano de aula, e ainda insistia em me provocar – porque expressava uma certa “indiferença” (ao menos, assim o interpretava) e era muito mais forte que os silêncios, mais esporádicos, que aconteciam em outros grupos. De fato, estava acostumada com o barulho, com a participação e animação dos alunos, com as histórias que me contavam acerca de suas relações com a língua espanhola. Apesar disso, tentava compreender seu sentido ou sua intenção, mas o tom que, para mim, era “sepulcral” se sobrepunha às próprias tentativas de interpretação.

Como o final da aula se aproximava minha última tentativa foi sugerir aos alunos que colocassem em prática algumas formas de despedida que haviam “aprendido” naquela aula, como por exemplo: *adiós, hasta luego, hasta el jueves...* Enquanto eles saiam, o angustiante e insustentável silêncio foi finalmente preenchido por “tchaus” sussurrados em português e por alguns sorrisos tímidos”.

2. Sujeito taciturno

Camblong (2004, p.16), em seus estudos, aborda a circunstância em que uma criança, mais especificamente aquela que habita a fronteira de Misiones (Argentina) com o Brasil, cuja língua familiar não é a “língua oficial”, chega à escola, lugar em que a suposição mais consolidada e naturalizada é “fazer como se” se tratasse de um falante de espanhol. A pesquisadora enfatiza que esse novo espaço é representado para a criança como violento e profundamente doloroso. A situação – que a autora chama de umbral e que define como uma encruzilhada semiótica de extrema dificuldade – se manifesta no mutismo, no isolamento, no pranto, nas posturas corporais, na gestualidade, nas táticas defensivas e de resistência.

A partir das considerações de Camblong observamos que alunos da escola pública brasileira, e não necessariamente crianças, podem, em muitos casos, experimentar a situação de umbral. Aqui nos referimos ao caso específico do aprendizado de línguas estrangeiras, em

² Como diz Burke (ibid., p.162) “manter silêncio é em si um ato de comunicação”.

especial, do espanhol. Não quisemos tomar esse conceito, o de umbral, como uma categoria generalizante à prática da escola pública brasileira, apenas partimos dessa noção para dizer que encontramos efeitos da “situação umbral” em um grupo de pré adolescentes que frequentou aulas de língua estrangeira em um Centro de Línguas da escola pública e cujos integrantes se mantinham silenciosos, inseguros, amedrontados.

Considerando esse silêncio, resgatamos de Bakhtin (2003, p.355) o que ele diz a respeito de taciturnidade: “a taciturnidade somente é possível no mundo humano (e unicamente para o homem) e na taciturnidade ninguém fala (ou alguém não fala)”. Destacamos esse aspecto, segundo o qual “alguém não fala” e, desse modo, com base no estudo de Camblong (2004) e nas considerações de Bakhtin (2003), designamos os sujeitos daquela cena escolar como **sujeitos taciturnos**.

Como acabamos de expor, a cena que Lemos (2008) analisa em sua dissertação de mestrado nos possibilitou refletir que haveria no espaço da escola pública, na aula de espanhol, um **sujeito indeterminado**, sendo esta conceitualização o resultado de um esforço que se embasa na perspectiva teórica da análise do discurso, a partir de Haroche (1992). Pudemos dizer que o desânimo, o ócio, os espaços da dúvida, da incerteza, da obscuridade e da indecisão são constitutivos desse sujeito. E nesse ponto pretendemos repensar o “sujeito taciturno”, partindo da noção de sujeito na psicanálise.

3. Noção de sujeito na psicanálise

O sujeito na psicanálise não é um ser pensante e consciente. A noção do sujeito cartesiano, o sujeito da razão é subvertido (LACAN, 1998). Pensar não equivale a ser: “eu penso, eu sou”, de forma a conferir-lhe ao ser pensante uma identidade. Portanto, o sujeito freudiano, não sendo idêntico a si, sempre se torna outro. Neste momento, o sujeito da consciência, de origem filosófica, sofre o “descentramento”, surgindo um novo conceito de sujeito com a psicanálise: o sujeito do inconsciente.

Com o surgimento do inconsciente na psicanálise, o sujeito do pensamento (sabe de tudo que passa em sua mente) e da certeza da existência fica desalojado, provocando a destruição de sua ilusão narcísica de “onipotência de suas ideias” (FREUD, 1976). Em relação às três feridas narcísicas descritas por Freud, Lacan afirma que “a relação toda do homem consigo mesmo muda de perspectiva com a descoberta freudiana [...]” (LACAN, 1985, p.23).

Lacan reconhece o sujeito como aquele que não tem identidade. É como se o sujeito não tivesse informação de algo que ocorre em sua mente. Conforme Freud:

Os pensamentos emergem de súbito, sem que se saiba de onde vem, nem se possa fazer algo para afastá-los. Esses estranhos hóspedes parecem até ser mais poderosos do que os pensamentos que estão sob o comando do ego. Resistem a todas as medidas de coação utilizadas pela vontade, não se deixam mover pela refutação lógica e não são afetados pelas afirmações contrárias da realidade. Ou então os impulsos surgem, parecendo como que os de um estranho, de modo que o ego os rejeita; mas, ainda assim, os teme e toma precauções contra eles. O ego diz para consigo: 'Isto é uma doença, uma invasão estrangeira'. Aumenta sua vigilância, mas não pode compreender por que se sente tão estranhamente paralisado (1976, p.87).

Para Freud há pensamentos que não estão presentes na consciência e que são rejeitados por ela. Os pensamentos que não são evocados pela consciência vão se constituir, assim como os sonhos, como matéria prima dos atos falhos.

Desta maneira, o sujeito torna-se alienado, pois o sentido emerge no campo do Outro, ocorrendo o desaparecimento do ser. Isto significa que ao aparecer em algum lugar como sentido, em outro lugar, o sujeito se manifesta como ausente em seu ser. Essa relação causa a divisão do sujeito (LACAN, 1985). Dessa divisão, há um acasalamento significativa S1 e S2, como explicita Lacan:

[...] o sujeito aparece primeiro no Outro, no que o primeiro significante, o significante unário, surge no campo do Outro, e no que ele representa o sujeito, para um outro significante, o qual outro significante tem por efeito a afânise do sujeito (ibid., p. 207).

O sujeito é efeito dessa articulação (S1- S2), em que o significante adquire primazia em relação a ele. Considerando que o ser falante está inserido na linguagem antes mesmo de seu nascimento, pois ela o precede, sofre determinações desse sistema simbólico e, a partir da sua relação com o Outro, operará pela ordem significativa. Logo, o significante representa o sujeito. Lacan (1998a) precisa: "O registro do significante institui-se a partir do fato de que um significante representa um sujeito para outro significante". O sujeito sempre será representado em seu discurso, ou seja, ele é ocultado pela linguagem.

Neste sentido, o "eu" e o sujeito não se coincidem (LACAN, 1985). O "eu" é uma construção imaginária, enquanto que o sujeito do inconsciente é o sujeito do desejo. O sujeito falante enuncia a "verdade de seu desejo" na dimensão da linguagem. "O desejo do homem é o desejo do Outro" (LACAN, Seminário 9, p. 1). Esse desejo do Outro é apreendido pelo sujeito naquilo que não cola, ou seja, nas falhas do discurso. O desejo aparece na falta devido

a uma impossibilidade: a de dizer o que se quer. A presença do desejo em si é a presença de algo que falta na fala, como o silêncio.

3.1. Língua estrangeira: estranhamente familiar

Quando o aluno se depara com o processo de ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira podemos dizer que ele está em busca de um novo saber. Contudo, falantes de língua portuguesa na posição de aprendizes de língua espanhola se deparam com uma língua muito próxima a sua e ao mesmo tempo estranha.

Jentsch (apud FREUD, 1976a) estuda a relação do significado do termo “estranho” com o novo e não familiar. Ele “atribuiu o fator essencial na origem do sentimento de estranheza à incerteza intelectual; de maneira que o estranho seria sempre algo que não se sabe como abordar” (ibid., p.138). O termo estranho está relacionado com o que provoca medo, o que é assustador.

Freud (ibid.), apoiado em Jentsch destaca o fato de que a sensibilidade ligada à categoria de sentimento é muito variável de pessoa para pessoa. Então, o que desperta em nós o sentimento de estranheza? Para Freud “o estranho é aquela categoria do assustador que remete ao que é conhecido, velho, e há muito familiar” (ibid., p.138). Em que circunstâncias o que é familiar pode se tornar “estranho”, ou seja, assustador? O oposto também é válido: o que não é familiar pode ser “estranho” por “não ser conhecido e familiar”. Portanto, o que é novo pode tornar-se ‘assustador e estranho’. “Algo tem de ser acrescentado ao que é novo e não familiar, para torná-lo estranho” (ibid., p.138).

Assim, os dois conceitos são contraditórios, mas não são muito diferentes. Se relacionarmos este estranhamento às línguas portuguesa e espanhola, constatamos que há um efeito duplo: a semelhança (o aluno aprendiz possui o conhecimento comum com a outra língua) e a identificação. Este aluno tem a possibilidade de identificar-se com a outra língua de tal forma que não sabe quem ele é: falante de português ou de espanhol ou ele substitui a sua língua pela outra. Esse efeito duplo, essa divisão funciona como reflexo em espelho.

Por outro lado, esse espaço de projeções a respeito do estranho e/ou do familiar pode ser assustador ao ponto do aluno aprendiz silenciar-se, resistindo a tomar a palavra na língua estrangeira. Uma vez que as línguas são semelhantes, o fato de uma língua (espanhola) mobilizar a recordação da outra (língua portuguesa) produz uma espécie de “identidade de percepção”, podendo apresentar-se de forma prazerosa e ao mesmo tempo angustiante,

mediante o sentido do retorno da língua portuguesa já vivenciada, de alguma maneira, na língua espanhola. Esse parentesco entre as línguas põe em movimento “(...) o estranhamente ‘familiar freudiano’ que ocorre quando um fragmento do passado efetivamente se atualiza. Esta irrupção do inconsciente atemporal desorganiza por alguns instantes a percepção do presente” (KEHL, 2008, p. 261) provocando o silêncio.

3.2. O silêncio em Lacan e Bakhtin

No Seminário 14 “A lógica do fantasma”, Lacan discorre sobre a questão do sujeito ser um “fato de linguagem”. Em seguida, demonstra uma relação entre a linguagem e o silêncio. “Ao sujeito lhe é atribuída a função da palavra” (p.290). E este sujeito também se cala. A partir destas constatações, Lacan utiliza-se dos vocábulos “sileo” e “taceo” para designar o silêncio. Taceo referindo-se a palavra não-dita, ao calar-se, ao silenciar-se. Por outro lado, sileo seria silenciar-se sobre algo, ou seja, um silêncio que surge da ausência da palavra. Para Lacan (2008), “(...) sileo não é taceo. O ato de calar-se não libera o sujeito da linguagem apesar de que a essência do sujeito culmine nesse ato...” (p.290).

Entendemos com Lacan que o silêncio na sala de aula corresponde ao “teceo”: ao calar-se, a palavra não-dita. Também esse silêncio aparece como uma condição para a compreensão da palavra, dos dizeres, possibilitando ao aluno o reconhecimento da língua falada em espanhol.

Trabalhando com alunos que ao serem inscritos na língua estrangeira apresentam uma ligação extremamente forte com a língua materna, permanecendo em silêncio, como que colados à língua materna, entendemos que a inscrição em uma língua estrangeira é dolorosa, complexa, a ponto do sintoma surgir no real do corpo, sem palavras.

O silêncio é um sintoma que parece estar relacionado à subjetividade da língua materna. O aluno não se apresenta como sujeito, mas como objeto da estrutura de sua língua, como um “fantasma materno”³. Para entendermos essa situação recorreremos a constituição do sujeito pela alienação e separação.

Podemos entender o silêncio como uma expressão da alienação do aluno no desejo da língua materna. O aluno se identifica com traços de sua língua materna.

A língua materna ocupa o lugar do Outro, é ela que oferece significantes por meio da fala. Mas o ser não é totalmente coberto pelos sentidos da língua materna. Há sempre uma

³ Termo referente ao fantasma materno Lacaniano.

perda. Os sentidos emergem no campo da língua materna. Alienado, o sujeito não fala, ele desaparece (desaparecimento do ser), é eclipsado.

Nas concepções Bakhtinianas sobre o silêncio nos deparamos com os termos mutismo e ouvinte. O silêncio apresenta-se como uma condição para a “compreensão pensada da palavra”, possibilitando o “reconhecimento da língua” (do que foi dito). O mutismo é visto como “ausência do som”; “ninguém fala (não há ninguém que fale)” (Bakhtin, 2003, p.373). Logo, se alguém fica mudo, podemos entender que este alguém (o ouvinte) se cala.

Desde o início do discurso, o propósito do ouvinte colaborativo, no que tange ao processo de audição e compreensão do discurso, é de uma “atitude responsiva” (a resposta). Nas palavras de Bakhtin:

A compreensão de uma fala viva, de um enunciado vivo é sempre acompanhada de uma **atitude responsiva** ativa (conquanto o grau dessa atividade seja muito variável); **toda compreensão é prenhe de resposta** e, de uma forma ou de outra, forçosamente a produz: o ouvinte torna-se o locutor (Ibid., p.290; grifos nossos).

Esta atitude de compreensão responsiva, do que foi ouvido, parece implicar uma participação no discurso (diálogo), ou seja, em responder a um objeto ou à alguém, de forma imediata ou retardada, isto é, compreensão responsiva muda: “cedo ou tarde, o que foi ouvido e compreendido de modo ativo encontrará um eco no discurso ou no comportamento subsequente do ouvinte (Ibid., p.291)”. Na compreensão responsiva muda corresponde inicialmente a uma resposta não fônica, podendo se realizar indiretamente, poderíamos dizer, de outra forma, mas de modo ativo ressonando no discurso.

Entendemos com Bakhtin que o silêncio pode corresponder a fase de compreensão responsiva, ou seja, uma fase inicial em que o sujeito se prepara para dar uma resposta, seja qual for a sua forma de realização: ativa ou muda (passiva). Logo, o que se espera é uma resposta.

Portanto, a linguagem é dinâmica, está em movimento, é incompleta, sendo susceptível de novos sentidos, de diferentes significações ou ressignificações, que ocorrem na dependência da compreensão responsiva ativa ou muda de um sujeito indeterminado.

Ao “escutar” em língua espanhola, o aluno aprendiz pode entender a existência do sistema linguístico da sua língua (materna) posta em condição de enfrentamento com a língua espanhola. Essa polêmica entre as línguas pode levá-lo ao silêncio.

O silêncio na sala de aula está relacionado ao “calar-se” enquanto resposta ativa do aluno (sujeito) à escuta (dinâmica viva) do que foi enunciado pelo professor, em espanhol. Portanto, a escuta silenciosa não é um simples ato mecânico. Ela está aberta à polissemia.

O “ouvinte”, quem recebe a fala e compreende a significação de um discurso, adota uma atividade “responsiva ativa”. “E esta atitude do ouvinte está em colaboração constante durante todo o processo de audição e de compreensão desde o início do discurso...” (Ibid.)

Estas colocações sobre o “ouvinte” poderíamos tomá-las como aquelas atitudes colaborativas, compreensivas adotadas pelo professor de espanhol, na cena anteriormente descrita, em relação às suas projeções sobre o silêncio instaurado em sala de aula e de possíveis significações dessas vozes caladas no processo de ensino-aprendizagem.

4. Considerações finais

Com este artigo acerca de uma questão tão complexa como é a da noção de sujeito na psicanálise, consideramos que conseguimos fazer alguns pequenos deslocamentos no que diz respeito ao sujeito taciturno. À luz da teoria psicanalítica, pudemos entender que a falta, o lapso, o desânimo, o ócio, os espaços da dúvida, que de acordo com o percurso teórico de Lemos (2008) foi interpretado como indícios de **indeterminação do sujeito** podem ser considerados como marcas fundantes do sujeito. Parafraseando Lacan, o sujeito é aquilo que um significante representa para outro significante. Segundo essa noção não se falaria em sujeitos: **taciturno, determinado, indeterminado**, pois o sujeito não se subjetiva; na cadeia de significantes o sujeito é apenas representado, é a própria ruptura, a hiância, o corte.

Para finalizar, consideramos que repensar o “sujeito taciturno” tomando um exemplo da prática docente deixa uma pista que talvez mereça ser interpretada em sua complexidade: se o inconsciente é um cenário da impossibilidade, uma instância, um lugar que não é controlado pelo “eu” da consciência, implicaria pensar que o aluno de espanhol, representado por um “eu” consciente, estaria submetido ao inconsciente, numa condição de alienação? Ou, por outro lado, o silêncio diante do que é estranho, do que é ameaçador da língua estrangeira, poderia ter sido o momento de reconhecimento do outro em sua condição de diferença. Essas considerações remetem-nos a outras contribuições da teoria psicanalítica, nas quais não poderemos nos estender, no âmbito deste trabalho.

Referências

BAKHTIN, M. M. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

____ **Estética da criação verbal**. Trad. Maria E.G.G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BURKE, P. **A arte da conversação**. Trad. Álvaro Luiz Hattner. São Paulo: Ed. Universidade Estadual Paulista, 1995.

CAMBLONG, A. Ensayo: **Habitar la frontera, un viaje perpetuo a lo paradójico**. (Inédito), 2004.

FREUD, S. Uma dificuldade no caminho da psicanálise (1917). In.: **Uma neurose infantil e outros trabalhos**. Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. V.17. Trad.: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p.171-179.

____ O estranho. In.: **Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. V.17. Trad.: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976a.

HAROCHE, C. **Fazer dizer, querer dizer**. (Trad.: Eni Pulcinelli Orlandi) São Paulo: Ed. Hucitec, 1992.

KEHL, M. R. Tempo e narrativas. In.: **Escrita e psicanálise**. Org. Ana Costa e Dóris Rinaldi. Rio de Janeiro, Cia de Freud UERJ, Instituto de Psicologia, 2008.

LACAN, J. **O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

____ **Seminário 9: la identificación** (inédito), de 1961-1962. Versão completa da Escola Freudiana de Buenos Aires. (sem data).

LACAN, J. Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In.: **Escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

____ Posição do inconsciente. In.: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998a.

____ **O Seminário, livro 14: A lógica do fantasma** (1966-67). Centro de Estudos Freudianos de Recife, 2008.

LEMOS, M.A. **O espanhol em redes de memória: antigas rotinas e novos sentidos dessa língua no Brasil**. Tese de Mestrado, FFLCH/USP, 2008. Disponível em biblioteca digital: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8145/tde-03122008-153729>.